

Exijamos por cartas, inscrições e por todas as formas a libertação dos anti-fascistas presos. ALVARO CUNHAL, MILITÃO RIBEIRO e outros destacados filhos do povo estão em perigo de assassinio pelos bandidos da P.I.D.E. se não os arrancarmos, pela nossa luta, a repressão odienta do fascismo. Exijamos: AMNISTIA, EXTINÇÃO DO CAMPO DO TARRAFAL, DISSOLUÇÃO DA PIDE, CASTIGOS AOS ASSASSINOS DOS FILHOS DO POVO!



ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES

Os candidatos a deputados para a Assembleia Nacional foram escolhidos pelo governo salazarista entre o alto funcionalismo e os homens do grande capital agrário, industrial e financeiro, todos eles inimigos do povo. As duas listas apresentadas por Castelo Branco e Portalegre, a que os fascistas chamam de «oposição», e onde figuram o nome do sr. Cunha Leal e de vários reacionários, são compostas por homens dispostos a sancionar e a colaborar em todos os crimes do governo fascista.

Do manifesto do P.C.P. «não votar»

GANHAMOS A BATALHA DO TRABALHO!

Há que conquistar uma jorna suficiente!

No decorrer de dois meses de lutas as mais variadas e as mais difíceis, importantes resultados obtiveram as massas camponesas do Alentejo e do Ribatejo contra a política de exploração e de miséria do salazarismo e dos grandes senhores da terra. A acção unida e firme de milhares de camponeses sem trabalho contra o desemprego e a fome, a sua decisão e coragem frente à ofensiva terrorista dos grandes exploradores do campo e do governo fascista, foram os meios que tornaram possível modificar sensivelmente a situação em benefício dos trabalhadores. A luta é a melhor arma dos trabalhadores contra os seus inimigos de classe e é também a melhor escola onde eles aprendem a corrigir os erros e a preparar novas e cada vez mais importantes acções. Contra inimigos tão refinados e brutais como o governo salazarista e os seus fiéis aliados — os grandes agrários fascistas — nós, camponeses e trabalhadores, devemos a cada passo dar um balanço às nossas vitórias e também às nossas derrotas, aprender com a experiência ganha e abrir caminho para novas lutas até à satisfação completa das nossas reivindicações. Quais são as principais lições que devemos tirar destes dois meses de lutas vitoriosas?

A primeira grande lição é de que ali, onde nós soubemos manter a unidade e defender com firmeza as nossas reivindicações os patrões e o governo tiveram de recuar. Em muitos casos conseguimos, a par da distribuição pelos lavradores, a concessão de géneros e pão e na sua maior parte uma jorna mais elevada do que aquela que estabelecia o chamado

contracto colectivo. Ali, onde nós deixámos ir na conversa das autoridades e dos agrários fascistas, foram-nos impostas condições de miserável exploração, com jornas que muitas vezes não passaram dos 14\$00 ou empreitadas que nem a essa jorna chegavam e nos trabalhos mais duros e violentos.

A segunda grande lição é de que quando sem receio e sem quebrar a nossa unidade soubemos enfrentar corajosamente as forças repressivas, especialmente da G. N.R., primeiro explicando-lhes a nossa razão e depois resistindo abertamente quando nos quiseram maltratar, como aconteceu em Aldeia Nova e Benavila, por exemplo, estas tiveram que bater em retirada e largar os nossos presos. Isto foi possível porque nós soubemos trazer à luta não somente todos os desempregados como as nossas companheiras e filhos e mesmo toda a população local. Ali onde não soubemos resistir e onde

nos dispersámos uns para cada lado, a G.N.R. roubou-nos a caça e em muitos casos espancou brutalmente muitos companheiros nossos.

Para as novas lutas que temos de travar contra a miséria e a exploração fascistas estas lições devem estar bem presentes, pois a situação está longe de ser resolvida — o desemprego não foi totalmente liquidado e as jornas são insuficientes para o sustento da família. Pode dizer-se que ganhámos a batalha do trabalho — temos agora de ganhar a batalha por uma jorna suficiente. Para isso devemos desde já promover reuniões e concentrações nas Casas do Povo e, em cada local de trabalho estreitamente unidos em volta das nossas comissões, exijamos dos patrões o aumento das jornas de acordo com as nossas necessidades. Se não afrouxarmos a luta e tivermos presentes as lições anteriores venceremos seguramente mais esta batalha.

mais uma burla eleitoral!

As «eleições» de 13 de Novembro — uma vez que não foram atendidas as condições exigidas pela oposição — foram aquilo que não podia deixar de ser: mais uma verdadeira burla eleitoral. O acto de 13 de Novembro, apesar das manobras desesperadas do fascismo, mostrou mais uma vez a nação e ao mundo o isolamento da clique salazarista. Não há propagandas nem afirmações mentirosas dos governantes e da grande imprensa fascistas que consigam abafar estas duas grandes realidades políticas que foram verificadas no dia 13 de Novembro:

1. — A grande, a imensa maioria da nação votou esmagadoramente pela sua ausência, contra o regime salazarista. O que quer dizer que a orientação traçada pelo Partido Comunista Português foi compreendida e seguida pela imensa maioria do povo português.

2. — Em vez duma oposição dividida foram as hostes salazaristas que se apresentaram divididas às eleições — burla —, apesar dos fascistas tentarem fazer crer que as listas apresentadas em Castelo Branco e Portalegre eram de «oposição». A apresentação duma lista agrária fascista revela as condições de classe que minam o fascismo, e seu crescente enfraquecimento, apesar dos esforços feitos para o ocultar.

200 Agricultores de Aljustrel reclamam facilidades de crédito

No dia 17 de Setembro, cerca de 200 pequenos e médios lavradores se reuniram no conselho de Aljustrel reuniram-se para apreciar a situação criada pela exigência da Caixa Nacional de Crédito do pagamento integral dos empréstimos da Campanha de 1948-49 e 30% do débito inicial de 1947-48, até ao dia 30 de Setembro. Depois dessa reunião foi enviada ao governo uma exposição reclamando uma moratória de 10 anos para a amortização das suas dívidas e novas facilidades de crédito para a presente campanha. O governo nenhuma resposta deu a esta justa petição dos modestos agricultores de Aljustrel nada fazendo para aliviar a sua aflitiva situação derivada da ruinosa política agrária

realizada pelo salazarismo. No dia 25 de Outubro, como o governo continuasse em silêncio sobre a exposição apresentada uma nova reunião teve lugar e nela foi aprovada uma nova exposição ao ministro da Economia, e desta vez assinada por mais de 200 agricultores, com o seguinte teor: «Excelência: Decorridos são já 40 dias desde que vários agricultores de Aljustrel solicitaram de V. Ex.ª providências que minorassem a sua angustiada situação. Como até à data nenhuma medida fossem tomadas, vêm novamente solicitar providências porque o tempo das sementeiras vai decorrendo e amanhã será tarde, o que contribuiria para lançar na miséria inúmeras famílias que à terra têm dado o melhor do seu esforço. E não poderão semente porque, como dizemos, a nossa situação é aflitiva. As exigências da Caixa Nacional de Crédito, no que se refere à regularização dos débitos, não podem ser satisfeitas pelo seguinte: a maioria dos agricultores de Aljustrel que devem por exemplo, 10.000\$00 do empréstimo da 1.ª fracção de 1948-49 e 3.000\$00 da 2.ª fracção e ainda 8.000\$00 da Campanha de 1947-48, terão de pagar este ano 16.000\$00. Com o ano de colheitas como foi o de 1948-49, em que quase nada se colheu, onde poderemos ir buscar os 16.000\$00? Mesmo que se desse a hipótese da caixa autorizar, por encontro novos pedidos, o problema subsistiria, porquanto teríamos de pagar 16.000\$00 e levantar 10.000\$00, o que quer dizer que teríamos de arranjar 6.000\$00, fora os juros e mais despesas.

Ficaria de facto arrumado o assunto da Caixa; mas onde iríamos arranjar fundos para comprar adubos e novas sementes se atendermos a que o Grémio da Lavoura não nos fornece adubos senão a pronto pagamento?

Excelência: o que pedimos não é muito para a nossa situação! Pedimos apenas mais larga prorrogação de prazo (10 anos) para regularizarmos os nossos débitos à Caixa Nacional de Crédito e que nos sejam concedidos no-

vos financiamentos para a Campanha em curso!

Uma comissão eleita na reunião procurou o ministro para lhe entregar a representação aprovada, sendo recebida pelo sub-secretário da Agricultura, o qual considerando justa a petição, afirmou que o governo nada poderia fazer no caso, em benefício dos agricultores de Aljustrel.

Pequenos e médios lavradores e seareiros de Aljustrel! O salazarismo não satisfará as vossas modestas reivindicações, se à sua política de rapina e de esmagamento dos pequenos produtores não opuserdes uma firme unidade de acção. O governo de Salazar fez ouvidos de mercador às vossas justas reclamações porque é um governo que serve apenas os interesses duma reduzida camarilha de financeiros contra os interesses da esmagadora maioria da nação. A aflitiva situação da pequena e média lavoura, arruinada pela política de preços e pela falta de ajuda efectiva do salazarismo, como é o caso presente, só será resolvida se a vossa luta se intensificar e a vossa unidade se alargar não somente a toda a região de Aljustrel mas a outras regiões do distrito de Beja e mesmo a todo o Alentejo, onde milhares de modestos agricultores como vós, vivem em idênticas condições de ruína e de miséria. Para isso há que promover novas reuniões nos Grémios da Lavoura e nas Casas do Povo de todos os pequenos e médios lavradores e seareiros de cada região onde a situação seja examinada e se estudem as formas de obrigar o governo de Salazar a ouvir e atender as justas reclamações da pequena e média lavoura alentejana. O salazarismo, que protege apenas um punhado de grandes agrários fascistas, contra os legítimos interesses dos mais modestos agricultores através da criminoso engrenagem dos Grémios e Juntas, será obrigado a conceder a moratória e as facilidades pedidas se os pequenos e médios agricultores de Aljustrel souberem persistir na luta e alargarem e fortalecerem a sua unidade.

LUTEMOS CONTRA A EXPLORAÇÃO DOS GRANDES AGRÁRIOS

As grandes fortunas dos homens do latifúndio foram amassadas no roubo, na miséria e na exploração das massas camponesas, situação que sob o reinado do salazarismo não tem feito senão agravar-se. Os lacaios da grande imprensa ao serviço do fascismo procuram apresentá-los como «bemfeitores», como «paisinhos» dos camponeses. Há dias «O SÉCULO» que recebe dinheiro do fascismo, elogiava o grande agrário Samuel Santos Jorge e a obra «social» do seu «feudo» de Rio Frio. Não dizia «O SÉCULO» as condições de trabalho escravo que são impostas aos trabalhadores de Rio Frio. Crianças de 9 e 10 anos, filhas dos camponeses, são obrigadas a lavar a vinha sem qualquer remuneração e aos pais é paga uma jorna de 6 e 7\$00 para uma contracta de 6 meses, durante a qual as mulheres e os seus maridos são obrigados a viverem completamente separados quer no trabalho quer fora dele. Durante a noite as mulheres são fechadas à chave num barracão por um laiaio do reaccionário Santos Jorge donde só saíam para trabalhar. Para calar os descontentes lá está a força da GNR privativa da herdade que espalha o terror entre os trabalhadores. Camponeses e camponesas! Uni-vos e protestai contra a exploração dos grandes agrários! Quando os trabalhadores estão unidos os exploradores nada podem contra eles.

MAIS LUTAS e mais vitórias



Craças à nossa luta por PÃO E TRABALHO, luta que em muitos casos foi travada em duras condições contra os responsáveis da fome camponesa, a nossa situação sofreu uma certa melhoria. Vê-se assim que a orientação traçada pelo nosso jornal e pelo nosso companheiro de luta o «AVANTE», foi inteiramente justa e que, seguindo-a, nós conseguimos fazer recuar os exploradores fascistas e obrigá-los a dar providências contra a sua vontade. Contudo a situação está longe de nos ser favorável pois há ainda muitos companheiros sem trabalho e os grandes agrários fascistas continuam a manobrar para nos reduzir de novo à fome. No distrito de Évora, por exemplo, os agrários conseguiram que o delegado do I.N.T. desse indicações para dar por terminada a crise e parar, por isso, com as distribuições de desempregados pelos lavradores. Os patrões procuram aproveitar-se do facto de haver mais trabalho, devido à apanha da azeitona, para fazerem crer que deixou de haver desemprego nos campos do Alentejo. Só a continuação da luta consolidará a grande vitória que alcançámos contra os sugadores do sangue camponês e anulará todas as manobras dos salazaristas para se descartarem dos encargos da crise de trabalho. Novas lutas travadas pelos camponeses alentejanos mostram como devemos lutar contra mais estas manobras dos agrários e do governo fascistas.

Em PENEDO GORDO cerca de 80 camponeses foram despedidos pelos grandes agrários José Joaquim Fernandes e José Rato. Imediatamente os 80 homens fizeram uma concentração na Casa do Povo exigindo trabalho tendo o presidente da Direcção, que é fascista, respondido que já tinha passado o período da crise e que agora já não podia obrigar os lavradores a aceitarem os desempregados, prometendo, entretanto, empregar apenas 20 na terraplanagem da nova estrada. No outro dia apresentaram-se ao trabalho todos os 80 camponeses e como não os deixassem trabalhar, todos voltaram a concentrar-se na Casa do Povo. A Direcção da Casa do Povo teve de deslocar-se a Beja acompanhada de alguns camponeses onde apresentou ao delegado do I.N.T. a situação. Um dos camponeses foi preso por ter dito ao delegado que se a situação não fosse resolvida os trabalhadores fariam o que diziam um manifesto do Partido Comunista. Apesar de todas as tentativas para enganarem os camponeses estes protestaram contra a prisão do seu camarada, solidarizando-se com as suas afirmações e reclamando trabalho. Em face da firmeza dos camponeses o priso-

neiro foi libertado e todos os desempregados foram de novo distribuídos.

Em BALEIZÃO mais de 150 camponeses que trabalhavam nas sementeiras, exigiram dos patrões o aumento da jorna, conseguindo assim pela sua unidade, elevá-la de 16 para 18\$00. Outros 80 camponeses foram despedidos para Casa do Povo. Vendo-se sem trabalho e sem pão para si e para os seus filhos todos os desempregados, se dirigiram ao posto da G.N.R. a cujo cabo expuseram a sua situação e reclamaram providências. Como este fizesse o jogo da Casa do Povo, os camponeses ameaçaram que se não lhes dessem solução para o seu problema, iriam a Beja com as famílias exigir trabalho. Ante a firmeza dos camponeses, o cabo da G.N.R. dirigiu-se com eles de novo à Casa do Povo sendo todos readmitidos no trabalho anterior.

Em SANTA VITÓRIA os camponeses que andavam na estrada por conta do empreiteiro fascista Morgadinho de Évora, há 15 dias que não recebiam jorna. Quando o apanharam juntaram-se todos à sua volta exigindo que lhes pagasse. O empreiteiro prometeu pagar e deixou o dinheiro ao capataz mas

com a indicação de só o dar se a isso fosse obrigado. Os camponeses ao saberem que o capataz laçao tinha o dinheiro foram a sua procura mas este fugiu-lhes. A tarde alguns camponeses que ficaram de espreita viram-no entrar e avisaram os seus companheiros que se concentraram em volta da casa gritando «ou dinheiro ou sã-va!». Só assim conseguiram receber o seu salário.

Estes exemplos de luta mostram-nos o caminho que devemos seguir para impedir que o desemprego bata de novo às nossas portas. Ao mesmo tempo, dado o aumento crescente do custo da vida, devemos desde já lutar pelo aumento imediato das jornas. Em cada herdade e local de trabalho devemos constituir as nossas comissões de Unidade e com elas reclamarmos junto dos patrões uma jorna suficiente para fazer face ao custo da vida. As nossas Comissões de Praça devem ser aqueles organismos que, nas praças de jorna e junto das Direcções das Casas do Povo, devem com o nosso estreito apoio, reclamar a jorna por todos combinada. Se nos mantivermos firmes e unidos acabaremos por vencer mais esta ofensiva dos exploradores salazaristas.

PREGUNTAS E RESPOSTAS

Um modesto proprietário alentejano, amigo de «O CAMPONÊS», escreveu uma carta à redacção, e pede que lhe respondamos. Diz-nos o nosso amigo: «Eni ali (ao Grémio da Lavoura) várias vezes durante 15 dias, pedi e tornei a pedir que me pagassem o cereal que me requisitaram há quase 2 meses e deram-me sempre com o nega. Não tenho dinheiro, amigos, para abrir trabalhos que não me são necessários e então digam-me os meus amigos como posso eu pagar aos homens que a Casa do Povo me distribui? E se eu os não aceito os malditos fascistas levam-me ao tribunal e roubam-me o que tenho e o que não tenho e isto é justo, amigos?»

Não, amigo, isso não é justo. Já no número anterior de «O CAMPONÊS», no artigo «ESTA TERRA É NOSSA», se dizia: «a solução salazarista da crise de trabalho longe de satisfazer os interesses das mais largas massas do campo, provocará num próximo futuro um novo agravamento do desemprego e da fome camponesa e agudizará mais ainda a difícil situação da pequena e média lavoura alentejana». E mais à frente: «por isso os interesses dos pequenos e médios lavradores estão ligados aos dos camponeses assalariados e não aos dos grandes lavradores».

O que quer isto dizer? — Em primeiro lugar, isto quer dizer que o governo de Salazar não deu, nem pode dar, a solução mais justa para o problema do desemprego rural, uma vez que a crise da lavoura — que é a verdadeira causa do desemprego dos camponeses assalariados — é uma consequência da ruínoza política agrária do salazarismo. O fascismo significa a dominação do grande capital sobre toda a economia da Nação, e por isso, o governo defende em primeiro lugar os interesses dos grandes magnatas da finance, do comércio, da indústria e da agricultura contra os dos trabalhadores e dos pequenos e médios produtores e comerciantes. O papel dos vários Grémios, Juntas, Federações, etc., é o de assegurar nos vários ramos da economia nacional essa brutal dominação do grande capital. O fascismo defende, depois, os interesses dos grandes financeiros e dos tubarões da indústria e do comércio, onde o grande capital está mais entrelaçado, contra os da burguesia agrária — principalmente contra os possuidores de terras de fraco rendimento capitalista, onde o lucro é obtido à custa da mais feroz exploração dos camponeses assalariados e do esbulhamento dos seareiros e dos pequenos e médios rendeiros e proprietários (através dos Grémios, Juntas, Federações e Caixas de Crédito Agrícola). É por isso que neste momento os grandes agrários fascistas estão aliados com Salazar, porque este apertado pela crise em que mergulhou o país, «desapertou para a esquerda»

e descarregou exclusivamente para cima da lavoura os encargos da crise de trabalho rural. Esta é a razão porque nas eleições de 13 de Novembro, apareceu uma «lista agá-lá» encabeçada pelo grande agrário fascista Pequeto Rebelo, em oposição à lista da União Nacional. O governo salazarista foi obrigado a promover medidas para acabar com o desemprego, pressionado pelas grandes lutas das massas camponesas, não aquelas que seriam mais justas, tais como: abertura de trabalhos públicos nas regiões rurais, concessão de subsídios e géneros aos desempregados e suas famílias, abertura de trabalhos nas grandes herdades por conta dos grandes agrários e estabelecimento duma justa política de fomento agrícola — compreendendo o problema do crédito — que permitisse à lavoura uma solução imediata da crise, mas sim obrigando os lavradores, principalmente os pequenos e médios lavradores a suportarem exclusivamente os encargos do emprego da mão-de-obra camponesa.

Em segundo lugar, entre a fome e a perspectiva de trabalho — ainda que miseravelmente remunerado — os camponeses não podiam hesitar, pois é absolutamente justo que os patrões, mesmo os modestos, suportem os encargos, de acordo com as suas possibilidades. Para os pequenos e médios agricultores a única solução é unirem-se e lutarem pelas suas justíssimas reivindicações. A luta dos pequenos e médios agricultores de Aljustrel, publicada neste número, mostra-nos o justo caminho a seguir. Assim, a luta dos camponeses assalariados por PÃO E TRABALHO e a luta dos agricultores de Aljustrel contra as exigências da Caixa Nacional de Crédito e por novas facilidades de crédito, são dois aspectos da mesma luta das massas exploradas dos campos alentejanos — assalariados, seareiros, parceiros, pequenos e médios rendeiros e proprietários — contra a política agrária do salazarismo.

E é por isso que nós dizemos que os interesses dos pequenos e médios agricultores estão ligados aos dos camponeses assalariados e não aos dos grandes agrários fascistas que estão interessados na manutenção do regime salazarista pela protecção que deste recebem para a sua miserável exploração das massas famintas do campo e para o esbulhamento dos modestos agricultores alentejanos. Se o nosso amigo, em vez de se ter dirigido sozinho ao Grémio da Lavoura a reclamar o pagamento da sua colheita, tivesse sabido juntar à sua volta todos os que como ele estavam interessados na solução deste problema, as suas reivindicações teriam sido seguramente ouvidas e atendidas. E nesta luta, ele não poderia deixar de encontrar o apoio activo dos trabalhadores.

PEQUENAS NOTÍCIAS

Na República Popular da Bulgária onde os operários, os camponeses e os intelectuais progressistas construíram uma nova vida, o povo búlgaro marcha irresistivelmente para o socialismo. No dia 9 de Setembro todo o povo búlgaro comemorou festivamente o V aniversário da sua libertação do fascismo. Em 5 anos uma transformação radical se operou em todo o país. A agricultura, que fazia num estado de atraso sob a dominação monárquico-fascista, é hoje uma agricultura modernizada, equipada pela indústria nacionalizada búlgara, onde a exploração colectiva da terra progride sem cessar. Segundo plano de 5 anos iniciados em 1915 a Bulgária terá em 1925 a sua produção agrícola elevada de 37,1% em relação a 1913: os cereais panificáveis de 23,1%, a beterraba açucareira de 59,1%, de forragens para o gado de 23,1%. Os investimentos na agricultura elevaram-se a 74 bilhões de «levas» (moeda búlgara) dos quais 12 bilhões serão para as Estações de Máquinas e Tractores; 20 bilhões para as granjas colectivas e 14 bilhões para os melhoramentos técnicos (obras de irrigação, secagem, etc.). Estes grandiosos progressos tornaram-se possíveis porque o povo búlgaro, com a ajuda decisiva do glorioso povo soviético, soube limpar a nação búlgara dos elementos reacçãoários e fascistas e instaurar na Bulgária uma ordem democrática e popular.

A grande União Soviética acorda de comemorar o 32º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro entre os extraordinários êxitos do IV plano de 5 anos. Enquanto na esfera do imperialismo anglo-americano o desemprego alastra e a miséria das classes laboriosas cresce sem cessar ao mesmo tempo que uma propaganda de guerra procura em vão despertar o ódio dos povos pacíficos para a grande democracia soviética, os povos da U.R.S.S. vêm aumentando constantemente o seu nível cultural e material e festejam com entusiasmo os seus êxitos no trabalho criador e pacífico. No decurso do ano de 1913 o custo da vida baixou de 50,1% e os salários subiram duas vezes. Até ao dia 7 de Novembro o plano de 1919 havia sido ultrapassado em mais de 100,1%; a produção subiu de 48,1% em relação a 1910 (último ano da paz); a entrega de tractores à agricultura elevou-se a 150.000, ou seja, 3 a 4 vezes mais que em 1910; foram construídas 2 milhões de casas e foram produzidos mais de 2 bilhões de rublos de produtos suplementares além do plano. Foram proclamados mais 4.800 Heróis do Trabalho (trabalhadores que introduziram novos aperfeiçoamentos técnicos, que melhoraram a produção) e 1233 receberam as mais altas condecorações soviéticas pelo seu trabalho excepcional. O grande povo soviético marcha assim na dianteira dos povos progressistas do mundo inteiro e o aumento crescente do seu potencial económico, cultural e político é uma sólida garantia da Paz mundial.

Os valentes camponeses italianos, apoiados por grandes greves de solidariedade da classe operária italiana, decidiram realizar por suas próprias mãos a reforma agrária que o governo de De Gasperi está sempre a prometer mas que é incapaz de realizar. É mais uma fase da luta pela democracia do povo italiano.

5 CONTOS

Para a campanha dos 5 contos recebemos mais os seguintes donativos:

Amigos de Duarte (1)	20\$50
Alentejo	5\$00
Bela Rocha (1)	35\$20
Camponês vermº. (1)	5\$00
Camponês B.S. (1)	10\$00
Estrêla	1\$50
Fé na vitória (1)	6\$50
Gazosa	5\$00
Pela Paz	5\$00
Rosa	5\$50
Ressurgimento	2\$50
Um camponês vermelho	6\$00
Unidos pela Liberdade. (1)	36\$00

143\$50

As rubricas que têm à frente o sinal (1) foram agrupadas.